

CONTRIBUIÇÕES DO ESCOTISMO PARA A FORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Patrícia de Albuquerque Sobreira¹

Lucimar Pinheiro Rosseto²

Resumo: Este estudo analisa as contribuições do escotismo para a Educação Ambiental e o desenvolvimento sustentável de crianças e adolescentes. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres humanos sob o parecer nº 6.867.118. As atividades, vinculadas às insígnias “Campeões da Natureza” e “Scouts Go Solar”, proporcionaram a: compreensão dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), valorização da biodiversidade e adoção de práticas sustentáveis com foco em energia renovável. Os resultados evidenciam que o método escoteiro favorece o desenvolvimento de competências socioambientais, fortalecendo a percepção ecológica e a cidadania ambiental dos participantes.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Sustentabilidade; Biodiversidade; Energia Renovável.

Abstract: This study analyzes the contributions of scouting to environmental education and the sustainable development of children and adolescents. The research, with a qualitative approach, was approved by the Research Ethics Committee involving Human Beings under opinion no. 6.867.118. The activities, linked to the “Champions for Nature” and “Scouts Go Solar” badges, promoted the understanding of the Sustainable Development Goals (SDGs), the appreciation of biodiversity, and the adoption of sustainable practices focused on renewable energy. The results show that the scouting method fosters the development of socio-environmental skills, strengthening participants' ecological awareness and environmental citizenship.

Keywords: Environmental Education; Sustainability; Biodiversity; Renewable Energy.

¹ Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). E-mail: patriciadeasobreira@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9854052831766224>.

² Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA). E-mail: lucimar.rosseto@unievangelica.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4897230391643111>.

Introdução

O Escotismo teve início em 1907, idealizado pelo britânico Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, então tenente-general do exército, com o objetivo de testar um método de treinamento voltado ao desenvolvimento físico, moral e intelectual de jovens. A experiência pioneira foi conduzida por meio de um acampamento experimental com 20 adolescentes do sexo masculino, entre 12 e 16 anos, na Ilha de Brownsea, Inglaterra. Durante a atividade, foram ensinadas noções de primeiros socorros, culinária, disciplina, moral, caridade, patriotismo, segurança em ambientes urbanos e naturais, além da observação atenta do espaço. Ao final, os participantes receberam um distintivo com o lema “Be prepared” (Esteja preparado), traduzido no Brasil como “Sempre Alerta”. O êxito da iniciativa motivou Baden-Powell a publicar, em 1975, a obra *Escotismo para Rapazes*, que impulsionou a criação de diversos grupos juvenis autônomos denominados Escoteiros (Baden-Powell, 1975; Baden-Powell, 1982; Nagy, 1985 Sobreira, Rosseto, 2023).

Atualmente, o Movimento Escoteiro (ME) abrange crianças, adolescentes e jovens com idades entre 5 e 21 anos em nível internacional, e entre 6,5 e 21 anos no Brasil, com atividades regulares realizadas em locais próximos à residência dos participantes, além de excursões e acampamentos que podem durar vários dias (UEB, 2010; Sobreira, Rosseto, 2023). Reconhecido como uma proposta educativa não formal, o ME diferencia-se de simples atividades recreativas, pois visa ao desenvolvimento integral dos jovens por meio de um método ativo, baseado na vivência em grupo, na vida ao ar livre e na aprendizagem pela experiência (UEB, 2021).

Nesse contexto, é essencial investigar como as práticas escoteiras contribuem para a formação de valores, habilidades e atitudes voltadas à preservação ambiental e à sustentabilidade. O escotismo, conforme defendido por Baden-Powell (1982, p. 27), é “um alegre jogo ao ar livre onde o adulto de espírito jovial e os jovens aventuram-se juntos como irmãos em busca de saúde, felicidade, destreza e desprendimento”. Sua missão é contribuir para a formação de cidadãos responsáveis e comprometidos com a construção de uma sociedade melhor (UEB, 2001).

Além de promover o desenvolvimento pessoal, o ME revela-se uma ferramenta importante para o fortalecimento de vínculos familiares, sociais e ambientais, com base na valorização da natureza como espaço privilegiado de aprendizagem (Mendes, 2012). Por meio de seu método educativo — o “Aprender Fazendo” — os participantes são incentivados à autonomia, à observação e à iniciativa, o que favorece o exercício da cidadania ambiental (UEB, 2021).

Diante dos desafios ambientais contemporâneos e da necessidade de formar cidadãos ecologicamente responsáveis, questiona-se: em que medida as práticas educativas do escotismo contribuem para a formação de valores, atitudes

e conhecimentos voltados à preservação ambiental e ao desenvolvimento sustentável entre crianças e adolescentes?

Este estudo analisa as contribuições socioambientais e educacionais do escotismo para crianças e adolescentes vinculados ao Grupo Escoteiro Bernardo Sayão (GEBS), localizado no município de Anápolis/GO, com foco nas atividades relacionadas às Insígnias "Campeões da Natureza" e "Scouts Go Solar", realizadas no projeto "Escoteiro por 1 Dia". As ações ocorreram na BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental de Nerópolis (GO), certificada como SCENES (Centro Escoteiro de Excelência para a Natureza, Meio Ambiente e Sustentabilidade) e voltada à promoção da Educação Ambiental, liderança juvenil e práticas sustentáveis em grupo.

A relevância deste trabalho fundamenta-se na urgência de formar cidadãos ambientalmente conscientes e atuantes, alinhados às diretrizes dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente diante dos desafios ambientais globais que comprometem a saúde do planeta.

Escotismo e Sustentabilidade Ambiental

Desde sua origem, em 1907, o escotismo incorpora entre seus princípios fundamentais o respeito e a proteção à natureza. Por meio de práticas ao ar livre e da convivência em grupo, os escoteiros desenvolvem valores éticos, senso de responsabilidade e atitudes voltadas à preservação do meio ambiente, promovendo uma postura ativa em prol de um ambiente mais equilibrado local e globalmente (Mendes, 2012).

O ME busca proporcionar aos seus membros um ambiente de aprendizagem significativo, pautado na vida ao ar livre, no espírito de coletividade e no engajamento com causas socioambientais. Entretanto, o avanço da urbanização e a crescente desconexão entre os jovens e o meio natural demandam novas abordagens de Educação Ambiental que integrem aspectos ecológicos e sociais, possibilitando o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre os impactos das ações antrópicas.

Nessa perspectiva, a Educação Ambiental assume um papel estratégico, conforme ressaltava Pelicioni (2002), ao promover valores e atitudes que incentivam a participação cidadã e a responsabilidade social. Trata-se de um processo formativo que, além de informar, capacita os indivíduos para a transformação da realidade socioambiental em que estão inseridos.

Santos (2023) reforça que a Educação Ambiental é uma ferramenta essencial para a valorização da biodiversidade e a adoção de práticas sustentáveis. Martins e Brando (2023), por sua vez, destacam a abordagem holística da Educação Ambiental como elemento chave na construção de um futuro sustentável, promovendo a articulação entre saberes, experiências e o engajamento crítico frente aos desafios socioambientais.

O Projeto Educativo do Movimento Escoteiro (UEB, 2021) busca formar jovens conscientes e atuantes, promovendo seu desenvolvimento físico, intelectual, social, afetivo e espiritual, de modo que se tornem cidadãos comprometidos com a transformação da sociedade. Para tanto, organiza-se em ramos etários que atendem às especificidades de cada faixa etária: Ramo Lobinho (6,5 a 10 anos), Ramo Escoteiro (11 a 14 anos), Ramo Sênior (15 a 17 anos) e Ramo Pioneiro (18 a 21 anos incompletos).

A metodologia escoteira valoriza o protagonismo juvenil e o contato direto com a natureza, por meio de atividades lúdicas, simbólicas e cooperativas. O jogo, nesse contexto, é mais do que uma ferramenta recreativa — é um instrumento pedagógico que possibilita aos jovens assumirem papéis, desenvolver empatia, tomar decisões, refletir sobre suas ações e exercitar o convívio ético (Fernandes, Lima, Miranda, 2016).

A preocupação com a sustentabilidade e com a Educação Ambiental está formalmente expressa em programas institucionais do ME, como o Manual *Tribo da Terra — Earth Tribe* (UEB, 2022). Este documento norteia ações voltadas ao enfrentamento de desafios socioambientais, como as mudanças climáticas, a gestão de resíduos e o uso de energias renováveis, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O programa *Tribo da Terra* contempla três insígnias educativas (Figura 1), (UEB, 2022, p. 11):

- 1) **Campeões da Natureza** (*Champions for Nature*) — voltada à proteção da natureza, à preservação da biodiversidade e à promoção de estilos de vida sustentáveis;
- 2) **Reduzir, Reciclar e Reutilizar** (*Plastic Tide Turners*) — direcionada à redução de impactos ambientais associados aos resíduos sólidos, especialmente plásticos;
- 3) **Escoteiros pela Energia Solar** (*Scouts Go Solar*) — destinada à difusão de conhecimentos sobre o uso de fontes de energia renovável, como fogões e lanternas solares, e sua aplicação prática na redução de impactos socioambientais.



Figura 1: Insígnias Tribo da Terra publicadas no Manual Tribo da Terra (2022).
Fonte: UEB (2022).

Quando os participantes completam as etapas propostas em cada uma das oficinas “Campeões da Natureza”, “Reduzir, Reciclar e Reutilizar” e “Scout Go Solar”) eles recebem um certificado e a insígnia, ou seja, um distintivo para colocar em seu uniforme escoteiro. Ao participar das atividades vinculadas às insígnias, os jovens desenvolvem competências socioambientais fundamentais, internalizando valores de sustentabilidade e cidadania planetária.

O Escotismo, ao adotar a vida ao ar livre como ambiente de aprendizagem, proporciona experiências que ultrapassam os limites da educação formal. Essa vivência amplia a percepção dos jovens sobre a interdependência dos ecossistemas, estimulando práticas responsáveis e fortalecendo os vínculos com a natureza.

Diante da atual crise ambiental — marcada pela perda de biodiversidade, escassez de recursos hídricos e atmosféricos e pela degradação dos ecossistemas —, torna-se imperativo repensar modelos de desenvolvimento e estilos de vida. O ME, por meio de suas práticas educativas, configura-se como aliado estratégico na formação de uma consciência ecológica e no incentivo a ações sustentáveis (Mendes, 2012).

Como destacam Dohme e Dohme (2009), a conscientização ambiental não se limita ao conhecimento, exigindo também senso de responsabilidade e julgamento ético, capazes de se traduzir em ações concretas e transformadoras.

Embora todas as formas de vida gerem algum impacto sobre o meio ambiente, os efeitos das ações antrópicas são amplificados por fatores sociais, econômicos e culturais, nem sempre assimilados pelos ecossistemas (Lago; Pádua, 2017). Por isso, é essencial formar indivíduos capazes de compreender essas dinâmicas e atuar na mitigação de seus impactos.

A percepção crítica das interações humanas com o ambiente, conforme Sánchez (2013), constitui etapa indispensável para a construção de alternativas sustentáveis. Nesse sentido, Oliveira (2020) reforça que a Educação Ambiental deve fomentar, desde a infância, a reflexão sobre os impactos das ações cotidianas, promovendo a compreensão da interdependência entre seres humanos e natureza.

Por fim, a transformação social pressupõe, necessariamente, mudanças no plano individual (Brennan, 1997). Nesse processo, o compromisso assumido voluntariamente pelos escoteiros, ao aderirem à Lei e à Promessa Escoteira, representa uma escolha ética e consciente, orientada para a preservação do meio ambiente e para a construção de uma cultura de responsabilidade socioambiental.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, com delineamento bibliográfico, documental e de campo. A abordagem metodológica adotada teve como objetivo compreender as contribuições educativas e socioambientais do escotismo a partir da percepção dos participantes em atividades voltadas à Educação Ambiental.

A pesquisa bibliográfica e documental foi conduzida com base em materiais disponíveis em bases científicas, como SciELO e Google Acadêmico, além de documentos institucionais da União dos Escoteiros do Brasil (UEB). Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Educação Ambiental, escotismo, desenvolvimento sustentável, método educativo escoteiro e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Complementarmente, foram consultados capítulos de livros, dissertações e teses que abordam a educação não formal e ambiental, subsidiando a fundamentação teórica e a contextualização das práticas escoteiras.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de visita técnica à BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental, situada dentro da Área da Fundação Paulo de Tarso, no município de Nerópolis (GO), certificada como SCENES (Centro Escoteiro de Excelência para a Natureza, Meio Ambiente e Sustentabilidade). As atividades ocorreram no contexto do projeto “Escoteiro por 1 Dia”, com aplicação da técnica da percepção ambiental como instrumento de análise qualitativa (Figura 2).



Figura 2: Imagem de satélite da BASE Escoteira, em Nerópolis/GO.
Fonte: Google Maps (2023).

Participaram do estudo 40 crianças e adolescentes vinculados ao Grupo Escoteiro Bernardo Sayão (GEBS), localizado em Anápolis (GO), sendo 20 integrantes do Ramo Lobinho (6,5 a 10 anos) e 20 do Ramo Escoteiro (11 a 14 anos). Os participantes estavam envolvidos nas atividades formativas das Insígnias “Campeões da Natureza” e “Escoteiros pela Energia Solar”, que integram a iniciativa educativa global “Tribo da Terra”, promovida pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro e adotada pela UEB.

A pesquisa está vinculada à tese de doutorado da primeira autora, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Evangélica de Goiás, sob o parecer nº 6.867.118. Todos os procedimentos seguiram as diretrizes éticas previstas na Resolução nº 466/2012, nº 510/2016 e demais complementares do Conselho Nacional de Saúde. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado e assinado pelos pais e/ou responsáveis legais, e o Termo de Assentimento assinado pelo público menor de idade envolvido.

Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo evidenciam que as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “*Escoteiro por 1 Dia*”, para a conquista das Insígnias “Campeões da Natureza” e “Escoteiros pela Energia Solar”, realizadas em março de 2024, na BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental, proporcionaram experiências significativas de sensibilização e desenvolvimento de competências socioambientais entre os participantes.

A BASE Escoteira é um local de referência para realizar atividades sobre Educação Ambiental e em 2019, ela recebeu a certificação SCENES (*Scout Center of Excellence for Nature, Environment and Sustainability*) sendo, portanto, considerada Centro Escoteiro de Excelência para a Natureza, Meio Ambiente e Sustentabilidade. Ela é coordenada pelo Escotista Luiz Roberto Botosso Júnior, idealizador da BASE Escoteira. Existem apenas 40 Centros SCENES no mundo todo. A BASE Escoteira de Nerópolis/GO é o primeiro Centro SCENES da América do Sul a ser formado, e o segundo da América Latina, compondo um dos cinco situados no hemisfério sul, sendo dois deles na Austrália e outros dois no Brasil, em: Florianópolis (SC) e Magé (RJ). Estes centros atuam de maneira a preservar a natureza e minimizar os impactos das atividades antrópicas, permitindo que todos tenham um contato próximo com a natureza e assumam seu compromisso perante o meio ambiente. Os Centros SCENES oferecem atividades educativas práticas para escoteiros e oportunidades de treinamento para líderes preocupados com a sustentabilidade, realizando mudanças positivas para o meio ambiente em suas casas e na sua comunidade (França, 2023).

A análise dos dados, fundamentada na técnica da percepção ambiental, permitiu identificar três dimensões centrais emergentes: (i) compreensão dos ODS e sua aplicabilidade, (ii) valorização da biodiversidade e (iii) apropriação de práticas sustentáveis relacionadas à energia renovável.

Compreensão dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

As atividades formativas, centradas na apresentação dos ODS, demonstraram que crianças e adolescentes ampliaram sua compreensão sobre os desafios ambientais globais e sobre o papel dos indivíduos na promoção da sustentabilidade. Durante a oficina, os participantes foram instigados, por meio de metodologias ativas, a interpretar o significado de cada ODS. Foi confeccionado um banner com os 17 ODS e formadas 04 equipes, e após a formação delas, foi perguntado aos participantes o que seria cada ODS e sua finalidade (Figura3).



Figura 3: Oficina sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas) na BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental, Nerópolis/GO, Brasil. **Fonte:** Autoria própria (2024).

Durante esta oficina foi dado ênfase no ODS 4 (Educação de qualidade), focando na meta 4.7, ou seja:

“Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável” (ONU, 2022, p. 17).

Observou-se que, inicialmente, havia uma compreensão restrita e, em alguns casos, superficial dos conceitos, limitada a noções gerais como “cuidar da natureza” ou “evitar lixo”.

Contudo, ao final das dinâmicas, os grupos demonstraram avanços na compreensão dos vínculos entre os ODS e práticas cotidianas. Um exemplo recorrente foi a associação do ODS 7 (*Energia acessível e limpa*) com sugestões de instalação de placas solares nas escolas, como meio de reduzir impactos ambientais percebidos localmente, como o aumento da temperatura nas salas de aula, conforme relato espontâneo de diversos participantes.

Esse resultado corrobora com Santos (2023) e Martins e Brando (2023), que defendem que a Educação Ambiental, quando mediada por práticas interativas, favorece não apenas a transmissão de informações, mas também o desenvolvimento de uma consciência crítica capaz de orientar ações transformadoras no território vivido.

Valorização da Biodiversidade e Desenvolvimento da Consciência Ecológica

A BASE Escoteira desenvolve um Programa de Educação Ambiental (PEA) que visa à promoção de conhecimentos sobre biodiversidade, com ênfase na avifauna e nas plantas medicinais, bem como na utilização de fontes de energia renovável e sustentável. As ações são direcionadas a crianças e adolescentes, com foco no desenvolvimento de competências socioambientais e na sensibilização para a conservação dos recursos naturais (França, 2023).

Os lobinhos e escoteiros participaram de diversas oficinas vinculadas às insígnias, entre elas, destacam-se as oficinas sobre aves e serpentes no contexto da Insígnia Campeões da Natureza (Figura 4). Essa insígnia tem como objetivo promover a compreensão acerca da importância da biodiversidade, destacando que todas as espécies estão interconectadas e são interdependentes.



Figura 4: Oficinas sobre as aves e serpentes na BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental, Nerópolis/GO, Brasil. **Fonte:** Autoria própria, 2024.

As oficinas sobre biodiversidade, com ênfase na observação de aves e no conhecimento sobre serpentes, revelaram forte potencial na promoção da empatia ecológica. Crianças e adolescentes demonstraram inicialmente medos, estigmas ou desconhecimento em relação às serpentes, algo consistente com a literatura (Dohme; Dohme, 2009).

As atividades tiveram como propósito evidenciar que as interações entre os ecossistemas são fundamentais para a manutenção da vida e para a sustentabilidade do planeta. Nesse sentido, as oficinas foram diretamente relacionadas ao ODS 15 (Vida Terrestre), com foco na meta 15.5, que estabelece a adoção de medidas urgentes e eficazes para reduzir a degradação dos habitats naturais, conter a perda da biodiversidade, proteger e evitar a extinção de espécies ameaçadas (ONU, 2022, p. 17).

Ao término das atividades, os relatos evidenciaram mudanças perceptivas, passando de uma visão centrada no medo para uma compreensão do papel ecológico desses animais na manutenção dos ecossistemas. Ainda, durante as atividades do PEA sobre as “Aves”, as crianças e adolescentes participaram de jogos com fotos e sons de aves, e conseguiram não apenas identificar espécies locais, mas também refletir sobre a importância da conservação dos habitats naturais.

Esses achados dialogam com Oliveira (2020) e Mendes (2012), ao demonstrarem que a experiência direta com a natureza, associada a processos educativos não formais, amplia a percepção ambiental e favorece a internalização de valores ecológicos.

Apropriação de Práticas Sustentáveis Relacionadas à Energia Renovável

A oficina sobre energia solar, vinculada à Insígnia “Scouts Go Solar”, teve impacto expressivo na percepção dos participantes quanto às possibilidades de uso de tecnologias limpas. A experimentação prática, como a montagem e uso de um fogão solar, foi destacada pelos jovens como uma atividade “divertida” e, ao mesmo tempo, reveladora sobre a viabilidade de fontes alternativas de energia (Figura 5).



Figura 5: Oficina sobre energia renovável na BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental, Nerópolis/GO, Brasil. **Fonte:** Elaborada pelas autoras (2024).

Além da compreensão técnica proporcionada pela oficina sobre energia renovável, foi possível observar que os participantes estabeleceram conexões significativas entre o uso de fontes de energia limpa e os compromissos

assumidos na Agenda 2030, especialmente no que se refere ao ODS 7 (*Energia Acessível e Limpa*) e ODS 13 (*Ação Contra a Mudança Global do Clima*). Tais associações demonstraram uma compreensão ampliada sobre como a adoção de energias renováveis contribui diretamente para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, a redução dos impactos ambientais urbanos e a promoção de comunidades mais sustentáveis.

Especificamente, a oficina abordou as metas: 7.2, que busca aumentar substancialmente a participação de fontes renováveis na matriz energética global; 13.3, que objetiva melhorar a educação, a conscientização e as capacidades humanas e institucionais para mitigação, adaptação, redução dos impactos e desenvolvimento de sistemas de alerta precoce relacionados às mudanças climáticas (ONU, 2022, p. 17). Dessa forma, os conhecimentos adquiridos na atividade foram contextualizados de maneira prática e alinhados às metas globais de desenvolvimento sustentável.

Desafios, Limitações e Reflexões Críticas

Embora os resultados apontem avanços na percepção ambiental dos participantes, cabe destacar que tais mudanças estão diretamente vinculadas à experiência prática vivenciada durante as atividades e, portanto, podem ser limitadas em termos de perenidade, caso não haja continuidade de processos educativos similares em outros contextos.

Outro aspecto observado refere-se às limitações metodológicas. A ausência de instrumentos formais de avaliação (como entrevistas estruturadas ou questionários) impossibilita mensurar, de forma sistemática, o grau de internalização dos saberes e valores promovidos.

Adicionalmente, percebeu-se que as discussões, embora ricas no âmbito das oficinas, ainda carecem de aprofundamento crítico em temas como justiça socioambiental, desigualdades ambientais e intersecções entre ambiente, cultura e território, aspectos que caracterizam uma Educação Ambiental de viés crítico, conforme defendem Costa e Loureiro (2013) e Sauvé (2005).

Contribuições do Escotismo para a Educação Ambiental

De modo geral, os achados desta pesquisa confirmam que o escotismo, por meio de seu método educativo baseado no “aprender fazendo”, contribui efetivamente para a formação de cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a sustentabilidade. As atividades analisadas favorecem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o fortalecimento de competências socioemocionais e éticas, fundamentais para a construção de uma cidadania ecológica.

Ao promover experiências diretas com a natureza, alinhadas aos princípios da Agenda 2030, o escotismo se consolida como uma prática pedagógica significativa dentro dos marcos da Educação Ambiental não formal,

com potencial de complementar os processos educativos escolares e comunitários.

Conclusão

Os resultados deste estudo demonstram que o escotismo, enquanto prática educativa não formal, constitui um ambiente propício para o desenvolvimento de competências socioambientais, contribuindo significativamente para a formação de crianças e adolescentes comprometidos com os princípios da sustentabilidade. As atividades desenvolvidas, especialmente aquelas vinculadas às Insígnias “*Campeões da Natureza*” e “*Scouts Go Solar*”, favoreceram processos de sensibilização ambiental, apropriação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e fortalecimento da percepção ecológica dos participantes.

A análise realizada evidencia que a metodologia escoteira, fundamentada no “aprender fazendo” e na vivência direta com a natureza, promove não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de valores éticos e atitudes alinhadas à cidadania ecológica. Este resultado corrobora a relevância do escotismo como ferramenta complementar aos processos educativos formais, especialmente no que se refere à construção de uma consciência crítica e responsável frente aos desafios ambientais contemporâneos.

No entanto, reconhece-se que os impactos formativos identificados estão diretamente vinculados ao caráter vivencial das atividades realizadas, sendo necessários estudos complementares que aprofundem a avaliação longitudinal desses efeitos, bem como a análise de sua replicabilidade em diferentes contextos socioeducativos.

Além disso, destaca-se como desafio a necessidade de fortalecimento do diálogo entre práticas educativas não formais, como o escotismo, e os marcos teóricos da Educação Ambiental Crítica, ampliando as discussões para temas como justiça socioambiental, equidade e participação social.

Conclui-se, portanto, que iniciativas como esta representam contribuições significativas para a Educação Ambiental na contemporaneidade, sobretudo ao promoverem processos formativos que articulam conhecimento, ética e ação, em consonância com os princípios da sustentabilidade e os compromissos da Agenda 2030.

Agradecimentos

À Escola Judicial de Goiás – EJUG e ao Tribunal de Justiça de Goiás, pela bolsa integral do curso de Doutorado e a CAPES (Processo: 88887.710665/2022-00) e FAPEG (Chamada Pública Nº 12/2023) pelos fomentos de apoio ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente da UniEVANGÉLICA.

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 149-162, 2025.

Referências

- BADEN-POWELL, R. S. **Escotismo para Rapazes**. Curitiba: Editora UEB, 1975.
- BADEN-POWELL, R. S. **Guia do chefe escoteiro**. Curitiba: Editora UEB, 1982.
- BRENNAN, B. Reconceptualizing non-formal education. **International Journal of Lifelong Education**, v.16, n.3, p.185-200, 1997.
- COSTA, C. A. S.; LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental crítica e interdisciplinaridade: A contribuição da dialética materialista na determinação conceitual. **Revista NUPEAT-IESA-UFG**, v.3, n.1, Jan./Jun., 2013, p. 1–22.
- DOHME, V.; DOHME, W. **Ensinando a criança a amar a natureza**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FERNANDES, R. S.; LIMA, L. M. G.; MIRANDA, A. C. Abordagens teórico-metodológicas em educação não formal e animação sociocultural. **Revista de Educação Puc-Campinas**, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5720/572063482011/html/>>. Acesso 10 jul 2024.
- DOI: 10.24220/P1519-3993-2017220300011
- FRANÇA, P. H. S. **BASE Escoteira de Pesquisa e Educação Ambiental à luz dos Princípios Ambientais**. 2023. Monografia (Graduação em Direito). Curso de Direito. Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.
- LAGO, A.; PÁDUA, J. A. **O que é ecologia (Primeiros Passos)**. Brasiliense, 2017.
- MARTINS, G. A.; BRANDO, F. R. Educação Ambiental para a conservação da biodiversidade: uma atividade didática de tomada de decisões **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.18, n. 5, p. 61-80, 2023.
- MENDES, B. M. **A influência do Movimento Escoteiro na formação do cidadão ecológico**. 2012. Dissertação (Mestrado em Biologia). Curso de Educação. Pontifícia Universidade Católica, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560544>>. Acesso em: 12 jul 2024.
- NAGY, L. **250 Milhões de Escoteiros**. Editions Pierre – Marcel Favre Public S/A, 1985.
- OLIVEIRA, M.M. **Educação Escoteira e Ensino de Ciências: possíveis aproximações e contribuições**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências). Curso de Ciências. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/D.81.2020.tde-28102020-183824>> Acesso em: 23 jun 2024.
- ONU, Organização das Nações Unidas. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Nações Unidas Brasil, 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 10 out. 2024.
- PELICIONI, M. C. F.; PHILIPPI JÚNIOR, A. **Meio ambiente, direito e cidadania: uma interação necessária**. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo et al. (Ed.). Meio ambiente, direito e cidadania. São Paulo: Signus Editora, 2002.

RECHE, B. D. **Por uma Formação Humana: A Educação Transdisciplinar.** Revista Humanitaris, 2020. Disponível em: <<https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/424>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SÁNCHEZ, L. H. **Avaliação de Impacto ambiental – conceitos e métodos.** 2ª ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

SANTOS, F. C. A Educação Ambiental do campo como ferramenta de valorização da agroecologia. **Revista Brasileira de Educação Ambiental.** v. 18, n. 5, p. 115-128, 2023.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental.** Educação Ambiental - Pesquisa e Desafios Porto Alegre, Artmed, 2005.

SOBREIRA, P. A.; ROSSETO, L. P. Método educativo escoteiro e transdisciplinaridade: contribuições para Educação Ambiental à luz das atividades da Tribo da Terra - insígnia reduzir, reciclar e reutilizar tampinhas plásticas. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 16 (5), p. 2942–2960, 2023.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **As características essenciais do escotismo.** Curitiba: UEB, 2001.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Escotismo e Valores:** uma contribuição na educação para a vida e na construção de um mundo melhor. Curitiba: UEB, 2010.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Projeto educativo do movimento escoteiro.** Curitiba: UEB, 2021.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Tribo da Terra – Educação Ambiental para uma comunidade global que protege o planeta.** 1ª edição. Curitiba: Escoteiros do Brasil, 2022. Disponível em: < <https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2022/02/TRIBOS-DA-TERRA-RAMO-ESCOTEIRO-v2-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun 2024.

WOSM. **He Story of Scouting.** Escoteiros do Mundo, (2016).